

# O MAL DO MODERNISMO

**William Anglin**

## **CAPÍTULO 1 MODERNISMO**

Não há muito tempo os crentes que moram na roça tinham pouco conhecimento do “modernismo”. Tal ignorância significava felicidade, enquanto o perigo estava longe.

Infelizmente, a heresia está se infiltrando e vem dos mesmos países de onde primeiramente veio a luz do Evangelho.

Os crentes agora perguntam: O que é o Modernismo?

Este nosso livro tem por fim explicar:

- 1) O que é o Modernismo;
- 2) Qual o seu efeito na vida cristã;
- 3) Qual deve ser a nossa atitude para com ele.

### **1 – O QUE SIGNIFICA O MODERNISMO**

Em resumo, é a adaptação da teoria científica da EVOLUÇÃO ao ensino da Palavra de Deus. Em primeiro lugar, é necessário explicar a teoria chamada “evolução”.

Em, 1859, Charles Darwin, um grande cientista, publicou o seu célebre livro: “A Origem das Espécies”, querendo provar o desenvolvimento das espécies por causas naturais como proveniente de outras formas de vida mais simples. A vida orgânica começou, segundo esta teoria, com a vida mais simples como protoplasma e se desenvolveu gradualmente em outra forma de vida, até chegar aos animais.

No ano de 1871, Darwin publicou o livro: “A Descendência do Homem”, querendo provar que o homem é descendente dos animais. A teoria foi muito combatida no princípio, mas tornou-se popular entre os cientistas até o princípio deste século.

Procuravam “o elo perdido” em vão; este seria o elo entre o macaco e o homem a fim de provar a teoria de que o homem descendo dos animais, sendo considerado o macaco nosso parente mais próximo!

Devido a descobrimentos modernos e maior conhecimento científico a teoria de Darwin tem sido abandonada por muitos cientistas. Dizem alguns: “Se Darwin tivesse o conhecimento que temos hoje, ele seria o primeiro a modificar suas especulações e conclusões”.

Podemos citar escritos de cientistas da América do Norte, Inglaterra, França, Alemanha e Rússia, mostrando esta diferença de opinião.

Infelizmente, no princípio deste século diversos teólogos protestantes adotaram a teoria. Chefes de seminários de várias denominações, aceitando as teorias de Darwin, modificaram seus pareceres quanto à Bíblia, para harmonizar esta com a teoria da evolução. Sendo praxe, a crença nas novas ideias, os estudantes para o ministério dificilmente seriam consagrados “pastores” sem as ideias modernistas.

Há quarenta anos o chefe de um seminário metodista publicou um livro sobre a Bíblia. O autor era conhecido como um dos mais eruditos homens da Europa. Seu livro foi subsidiado por um milionário para que os pregadores pudessem comprá-lo barato. Sendo um bom exemplo de modernismo, damos, a seguir, um resumo do livro:

Segundo o livro, “Gênesis é, principalmente, fábula. Tem apenas algum valor alegórico. Não é histórico e nunca aconteceram os milagres descritos nele, nem nos livros de Moisés. A QUEDA do homem é lenda, porque o homem, sendo descendente dos animais, herdou seus instintos e natureza. Nunca houve um dilúvio. [Os amigos do autor, depois de sua morte, viram-se obrigados a mudar de opinião, depois do descobrimento do Sr. Wooley, em Ur dos Caldeus, de um depósito causado pelo dilúvio.] O livro ensina que Jeová (ou Yava) era um deus tribal, adorado pelos israelitas. Israel, como outras nações, possuía seu Deus. O ritual dos israelitas não tem sentido; nenhum simbolismo pode ser extraído de suas cerimônias, “nem por tortura”. Deuteronomio foi escrito no tempo de Esdras. Daniel foi escrito por um novelista um século antes de Cristo. Vários homens escreveram Isaías e nem este livro e nem o de Daniel têm valor profético. Jonas é romance histórico e não história. O Velho Testamento, porém, manifesta progresso evolutivo do homem religioso. Principiando com ideias cruas de um deus, o homem, gradualmente, progredia, ficando mais inteligente religiosamente até alcançar as doutrinas do Novo Testamento e a pessoa de Jesus Cristo. Muito do assunto do Novo Testamento é duvidoso”.

Tal é o assunto do modernismo.

Evolução significa progresso gradual. O crente instruído nas Escrituras sabe que esta teoria é contrária aos fatos registrados na Bíblia, porque a história do homem fala de uma queda, de uma descida, de uma retrogradação, entretecida de restaurações e novos começos. Adão era inocente, mas caiu em pecado e a humanidade piorava até que Deus a destruiu pelo dilúvio. Noé começou um novo mundo, mas o homem ficava mais e mais decadente. Deus começou de novo com

Abrão e sua descendência, mas os israelitas não aproveitaram as condições de separação do resto do mundo. Apesar da presença e conhecimento de Jeová, caíram em pecado. Com Davi começou outro regime: o de reis. Mas rapidamente os israelitas caíram outra vez, até que Deus deixou as dez tribos serem levadas em cativeiro para nunca mais voltarem. As restantes duas tribos, mais tarde, tiveram a mesma sorte durante setenta anos. Foram restauradas no tempo de Esdras. Deus castigou o povo de diversas maneiras, mas eles terminaram com a crucificação de seu Messias, rejeitando a Luz do mundo. A Igreja foi um novo começo pela graça de Deus, mas gradualmente desceu até às abominações praticadas nos séculos obscuros, antes da Reforma. Cada reforma ou restauração tem resultado no mesmo: decadência. Certamente tem havido uma evolução em invenções e ciência, mas até os descobrimentos científicos são usados para destruição.

## **2 – O EFEITO DO MODERNISMO NA VIDA CRISTÃ**

O efeito deste Modernismo está patente nos países protestantes. Os pregadores dizem que a Bíblia não é inspirada por Deus, que não tem autoridade e que está cheia de erros e fábulas.

Os ouvintes julgam que não vale a pena lê-la ou assistir a pregações baseadas num livro que tem enganado o mundo durante séculos passados.

Assim, os templos e igrejas estão quase vazios.

O povo passa os domingos em folguedos e passeios. Dizem que na Inglaterra e nos Estados Unidos até 85% do povo não entra em qualquer igreja, mas vive como pagão. A maior parte dos que compõem os 15% dos que frequentam alguma igreja, são modernistas.

Mas nestes mesmos países a pregação do Evangelho, com poder, pode encher os maiores salões.

## **3 – NOSSA ATITUDE PARA COM O MODERNISMO**

O Modernismo é como o cupim que trabalha gradualmente para derrubar e destruir uma casa. Devemos vigiar para que o “cupim” do Modernismo não entre na Casa de Deus no Brasil.

Os crentes ficariam muito escandalizados se alguém pregasse o Modernismo puro. Satanás administra o Modernismo em doses homeopáticas no começo, porque uma dose forte seria capaz de fazer que os crentes a vomitassem.

Para mudar a figura, contemos o caso do camelo do árabe. O camelo pediu ao árabe a permissão para enfiar no nariz na barraca do seu dono. Pouco tempo depois, meteu também a cabeça. Depois pôs um pé e logo depois uma perna. A seguir, meteu o pescoço e, depois, o corpo todo, tomando posse da tenda. O camelo do Modernismo quer

fazer o mesmo no Brasil. Agora enfia apenas o nariz na Casa de Deus. Os crentes devem dizer um forme e forte “NÃO”. As heresias começam com pequenos desvios da Palavra de Deus, ou salientando uma verdade para negar outra de igual importância.

Podemos resumir o Modernismo dizendo que são três mentiras, as mesmas que Satanás pregou a Eva no Jardim do Éden. Hoje o grande inimigo de Deus e da humanidade não aparece em formas de serpente, mas como ministro do Evangelho nos púlpitos do protestantismo. As mentiras são:

- 1 – “*porventura tem Deus falado?*” – duvidando da Palavra de Deus;
- 2 – “*não morrereis*” – negando o juízo de Deus sobre o pecado;
- 3 – “*sereis como Deus*” – ou “*evolução*”, o homem progredindo e crescendo em sabedoria e bondade por seus próprios esforços.

## CAPÍTULO 2

### EVOLUÇÃO

Em nosso capítulo anterior explicamos a relação que há entre “Modernismo” e a teoria científica chamada “evolução”. Agora transcreveremos pareceres de cientistas modernos sobre “evolução”.

Como já explicamos, “evolução” refere-se ao desenvolvimento de uma espécie a fim de produzir outra. Seguem as opiniões de diversos cientistas modernos:

**Fleischmann** (alemão) diz que uma grande variação entre os limites das espécies é possível, mas tal variação nunca cresce espontaneamente em espécies inteiramente diferentes.

**E. H. Dehaut** (francês) ensina que as variações nos animais produzidas pelo ambiente são estreitamente limitadas e não vão além dos limites da família natural. As espécies são essencialmente a unidade do mundo orgânico. Sua produção indica a intervenção de um poder do Criador.

**M. Bateson** (inglês) declara que é impossível que cientistas concordem com Darwin em sua teoria da origem das espécies. Explicação nenhuma tem sido oferecida para os fatos. Há quarenta anos que nenhuma prova é descoberta para verificar a Gênese das espécies.

**Ambrose Fleming** (inglês) escreve: “Um dos argumentos mais fortes contra a teoria de Darwin é o fato da ausência de prova no conteúdo fóssil nas camadas da terra. A esterilidade dos híbridos (como a mula, por exemplo) é um fato que a teoria da evolução não pode explicar e nem evitar”.

**Alberto Fleischmann** (professor de zoologia) esclarece: “As teorias de Darwin ficam, até hoje, estranhas à zoologia científica porque tais mudanças de espécie são ainda desconhecidas”.

**Dr. Tass** (que tem dedicado sua vida ao estudo de fósseis) diz: “A teoria de que o homem é descendente de qualquer espécie de macaco é certamente a mais louca jamais emitida na história do homem”.

**Professor Haeckel** (de Jena, Alemanha) diz: “Os demais cientistas têm chegado à conclusão que a doutrina da evolução, especialmente o darwinismo, está errada. Não pode ser mantida”.

**Carlos Robin** (um ateu) diz: “O darwinismo é ficção, uma acumulação de probabilidades sem provas e de explicações sem demonstração”.

**Dr. Etheridge** (do Museu Britânico) declara: “Neste grande Museu, não há a menor evidência da transmutação das espécies. Nove das dez partes da conversa dos evolucionistas é puramente asneira infundada, sem o apoio de dois fatos”.

**Professor Virchow** (de Berlin, a maior autoridade alemã sobre Fisiologia) diz: “É tudo asneira. Não pode ser provado pela ciência que o homem é descendente do macaco ou de outro animal. Desde que a teoria foi anunciada, todo conhecimento científico tem procedido ao contrário. A tentativa de descobrir a transição do animal para o homem tem terminado em fracasso total. O elo intermediário não tem sido descoberto e jamais o será. Tem sido provado e não há nenhuma dúvida, que durante os últimos cinco mil anos não tem havido mudança na conformação do homem” (Nota: O escritor destas opiniões foi, outrora, a favor das teorias de Darwin, mas verificou seu erro).

Comentário de outro cientista: “O resultado notável da popularização da doutrina da “evolução” de Darwin tem sido a difusão do veneno sutil, abafando ou destruindo a vida espiritual do homem. A teoria ensina que a lei moral é meramente resultante da conveniência humana, da necessidade tribal. O mal do pecado são somente os restos dos instintos animais que ainda existem na humanidade”.

Este último parágrafo demonstra a relação entre evolução e modernismo.

## **CAPÍTULO 3**

### **A IDADE GLACIAL**

Agora vamos considerar outro fato científico.

A teoria da evolução admite que levaria centenas de milhares de anos (alguns dizem de milhões de anos) para produzir um homem. Os cientistas nos informam que há dez mil anos houve no mundo a “idade glacial”. Uma onda terrível de gelo veio do glacial Ártico, avançando

sobre a Europa, Ásia e América do Norte até a latitude de 50 graus, mais ou menos, e era impossível que qualquer homem vivesse, a não ser perto do Equador.

O mesmo fenômeno aconteceu no sul do mundo. O gelo subiu da Antártida. A idade glacial é atribuída pelos cientistas e astrônomos, ao movimento excêntrico do mundo em volta do sol. Certos cientistas, por isso, dizem que a existência do homem no mundo começou depois da idade glacial.

A migração de toda a humanidade existente no mundo na direção do Equador é contra os fatos conhecidos da ciência da Etnologia, um assunto que devemos discutir em capítulo posterior. O Professor G. F. Wright, o melhor “glaciarista” da América do Norte, calcula que a idade glacial terminou há 10.000 anos e outros cientistas confirmam esta data.

A antiguidade do homem no mundo tem sido calculada por varias autoridades e em diversos países. De acordo com a Concordância Bíblica de Young, a cronologia é, dada assim:

**Países:** Índia: 6.204; Arábia: 6.174; Babilônia: 6.158; China: 6.157; Egito: 6.081; Pérsia: 5.507; Samaritano: 4.427.

**Autoridades:** Josefo: 5.555; Talmud: 5.344; Septuaginta: 5.586; Ussher: 4.004; Cálculo hebraico: 4.161; Samaritano: 4.427.

Acrescentando a era cristã 1.951 anos (este livro foi escrito neste ano), as cronologias afirmam que há entre 6.000 e 8.000 anos desde a criação do homem.

Durante este tempo não há qualquer indicação de mudança na forma e ou no tamanho do cérebro do homem. Não há sequer um caso conhecido de mudança de uma espécie em outra. Apesar destes fatos, apesar do ensino das Escrituras, apesar da mudança nas opiniões dos cientistas, muitos dos teólogos protestantes continuam a pregar que o homem é descendente dos animais e que levou a centena de milhares de anos para se formar o homem.

Os ataques contra a autenticidade das Escrituras e, especialmente, contra o livro de Gênesis, aumentaram durante as últimas décadas do século passado. A teoria da evolução ficou mais acreditada e muitos dos teólogos começaram a duvidar da veracidade do Antigo Testamento. Não queriam ser considerados “atrasados” e fizeram causa comum com os cientistas.

No século XX os cientistas descobriram seus erros e se arrependeram, deixando atrás os teólogos que aceitaram suas teorias, vestidos nos velhos farrapos dos cientistas. Como exemplo deste fato, citamos as palavras de um bem conhecido teólogo. Dr. Barnes, um bispo da Igreja Anglicana (protestante) e considerado um grande

pregador, disse: “A morte não entrou no mundo por causa do pecado humano. Nunca houve um primeiro homem feito na imagem de Deus”.

Agora, traduzimos as palavras de um livro escrito por um cientista que é perito: “O povo comum ainda está sendo ensinado no século vinte a respeito de muitas coisas que os verdadeiros cientistas deixaram atrás, há uma geração. O fato é que, em todas as ciências, as teorias que ganharam popularidade há uma geração, são consideradas agora pelos especialistas como asneiras, erros e conclusões feitas depressa demais”.

Os cientistas estão progredindo, mas os teólogos “precisam pular com os tempos”, como diz João Bunyan.

## **CAPÍTULO 4**

### **DESCOBRIMENTOS**

Em seguida, damos diversos “descobrimientos” feitos no século passado. Foi “descoberto” que, no tempo de Abraão, a escrita ainda não era conhecida; que nunca houve dilúvio; que nunca existiu o povo heteu, embora a Bíblia o mencione 40 vezes em quinze dos seus livros. Foi decidido que Gênesis consistia, principalmente, de fábulas. Os primeiros quatro livros, disseram os críticos, foram escritos no tempo de Samuel e Deuteronômio foi compilado nos dias de Esdras.

#### **ARQUEOLOGIA**

Os grandes inimigos dos modernistas têm sido os arqueólogos que foram às terras bíblicas, com a Bíblia em uma mão e a pá na outra, ou melhor, com fundos destinados a pagar trabalhadores para escavar e descobrir as antigas cidades.

No princípio deste século, o Professor Sayce, grande arqueólogo, descobriu que, de fato, existiu um grande império heteu. Ele depois escreveu: “A história da Bíblia acerca dos heteus foi negada pelos críticos, pois disseram que não havia sinais, em qualquer outra literatura, da existência do povo heteu. Agora, não é a Bíblia, mas o crítico que é provado ser ignorante dos fatos. Os escritos deles nas pedras e monumentos têm sido traduzidos. A Bíblia foi a fonte de informações que ajudou os arqueólogos a descobrir a história desta nação”.

Há 25 anos, os americanos enviaram o professor Wooley para escavar Ur dos Caldeus, onde Abraão fora criado. Descobriram uma vasta quantidade de escritos em barro seco: histórias, cartas e contas, mostrando que centenas de anos antes de Abraão o povo sabia ler e escrever. Houve, pois, antes de Abraão uma civilização adiantada. Acharam ornamentos de ouro e prata. Pelos pedaços de vasilhas de

barro que os habitantes usavam para cozinhar e comer, os arqueólogos agora podem calcular a época em que existiu uma cidade qualquer. Era costume em muitos lugares enterrar vasilhas de barro e de metal com os defuntos e, por isso, os cemitérios antigos, sendo conservados, proporcionaram vasto tesouro de objetos de muito valor para os arqueólogos.

O Professor Wooley, por fim, chegou a um nível onde achou uma profunda camada de lama. Pensou que era a terra virgem e que chegara ao fim de seus descobrimentos. Mas, perseverando e cavando abaixo deste depósito de lama, tão profundo que foi feito por água, descobriu os fundamentos de outra cidade e de outra civilização.

O descobridor ficou convencido que o depósito de lama foi o resultado do dilúvio no tempo de Noé. O mesmo fenômeno foi depois descoberto em outras cidades antigas.

Os cientistas e modernistas já tinham despachado a história do dilúvio para a região da fábula, embora existam tradições deste acontecimento em quase todos os países do mundo.

O professor Reim calcula 268 descrições do dilúvio, das quais 16 têm uma referência ao arco-íris como um sinal de reconciliação. Muitos mencionam que uma família foi salva e que a Arca descansou finalmente numa montanha. Tudo isto é prova suficiente que o dilúvio foi, de fato, histórico e que todos os povos do mundo são descendentes da família que foi salva pela Arca.

Mas os modernistas não se desanimaram. Perseveraram em suas críticas a Moisés. Riam-se da história da queda de Jericó. Os arqueólogos, há vinte anos, foram lá e escavaram os antigos fundamentos da cidade do tempo de Josué (Josué 6.24). E acharam os muros caídos para o lado de fora e tudo dentro queimado sistematicamente conforme descrito na Bíblia.

O Sr. C. H. Spurgeon descreve a atitude dos pregadores que lançaram fora, uma após outra, as verdades das Escrituras, a fim de conservar seus nomes como “eruditos” e o faz da seguinte maneira:

“Num trenó certo homem viajava na neve da Sibéria com sua família. Os lobos famintos vêm atrás para os devorar. O homem sacrifica um cavalo para satisfazer as feras durante alguns minutos. Mas depressa os lobos alcançam o trenó outra vez. O pai decide lançar um filho para ganhar tempo. Depois de pequena demora, os lobos vêm querendo mais e, um após outro filho, é entregue às feras. Depois desta festa, os lobos querem mais ainda. O homem resolve lançar-lhes a esposa a fim de salvar a sua própria vida e safar-se dos lobos. Assim, os ministros da Palavra lançaram primeiramente aos “lobos” que atacaram a Bíblia, os livros de Moisés. A seguir, sacrificaram diversos profetas como Daniel e Jonas e, depois, certos livros do Novo Testamento.



## **EGITO**

A história dos países mencionados nos livros de Moisés é muito mais conhecido hoje do que durante os tempos dos profetas ou no tempo de Cristo. A história do Egito é a mais conhecida entre todos os povos antigos por três razões:

- 1 - Os hieróglifos (escritos) têm sido decifrados e abundam no país;
- 2 - Era costume embalsamar os defuntos e enterrá-los com tesouros e objetos que tinham sido usados diariamente por eles;
- 3 - Há muitos desenhos ilustrativos da vida diária dos egípcios em todos os períodos de sua história.

O Egito do tempo de Gênesis é mais conhecido agora do que no tempo de Jeremias, que morreu há 2.550 anos. A história de José do Egito pode ser ilustrada pelos quadros descobertos durante os últimos anos. Se Gênesis fosse compilado durante o tempo de Samuel, estaria cheio de erros e falhas.

Quando o escritor deste livro tinha dez anos, ele leu um romance descrevendo as viagens de dois marinheiros ingleses ao Brasil. O livro era instrutivo. O autor do mesmo estudara obras escritas acerca do país. Mas ele nunca viajara para o Brasil, por isso certas minúcias descritivas do país estavam erradas.

Assim, seria mesmo impossível a um compilador, historiador ou escritor qualquer, descrever uma história que imaginara e que aconteceria mil anos antes de seu tempo, em outro país, sem escrever algumas asneiras a respeito dos costumes do povo sobre o qual escrevesse. Se estas asneiras fossem encontradas na Bíblia seriam descobertas pelos arqueólogos atuais.

## **O PENTATÊUCO**

Os modernistas dizem que os primeiros quatro livros de Moisés foram escritos no tempo de Samuel e Deuteronômio, depois do regresso dos judeus da Babilônia, no tempo de Esdras, ou mil anos depois de Moisés.

Êxodo 1.8 diz: *“Depois levantou-se um novo rei sobre o Egito que não conhecera a José”*. Hoje a história do Egito é conhecida como também os nomes dos reis ou faraós de séculos antes de José até os do tempo de Cristo. Entre o tempo de José e de Moisés houve uma revolução no Egito e a família real do tempo de José foi expulsa, porque era estrangeira, conhecida como “reis pastores”, os quais não eram populares no Egito. Haviam conquistado o país.

Hoje sabemos a história do Egito do tempo de José melhor do que qualquer escritor israelita no tempo dos reis a teria conhecido. Três vezes em cinco versículos do capítulo 39 lemos que Potifar era egípcio.

Porquê? Sabemos que os reis daquele período costumavam empregar oficiais de confiança da sua própria raça e não egípcios, por isso era considerado notável empregar Potifar. Um escritor tem contado 50 minúcias como esta, na história de José do Egito, segundo Gênesis. Estão de conformidade com os fatos descobertos pelos arqueólogos.

Uma grande autoridade sobre a língua do tempo de Moisés, o Professor A. Yahuda, prova que os livros de Moisés foram escritos por alguém familiar com o hebraico, mas com certa influência egípcia; notam-se de quando em quando vocábulos egípcios.

## DEUTERONÔMIO

O livro de Deuteronômio é considerado pelos modernistas como de moral mais elevada do que os quatro livros anteriores. Por esta razão é que foi necessário arranjar uma data mais recente para sua compilação, porque, segundo a teoria da evolução, a religião dos israelitas progrediu.

O capítulo 30 confere a Moisés um espírito profético, porque descreve o castigo que, mais tarde, caiu sobre o povo e sua restauração do cativo. Para um modernista, não pode haver profecia. É necessário adiar a compilação do livro até depois do cativo do povo israelita.

Estudantes ou leitores inteligentes podem examinar o livro de Deuteronômio. É impossível que tenha sido escrito depois da entrada dos israelitas na Terra da Promessa. Lemos do discurso de Moisés explicando o que o povo devia fazer depois de passar o Rio Jordão. Diversas vezes lemos do *“lugar que escolhe o Senhor teu Deus”* como um lugar ainda desconhecido. Podemos imaginar alguém no tempo de Esdras, falando assim, durante o tempo em que o *“lugar”* ou *“templo”* estava sendo reedificado? Podemos imaginar alguém do tempo de Esdras compondo o último hino de Moisés, tão sublime? Já tinham sido escolhidas as três cidades de refúgio ao leste do Rio Jordão, mas somente no tempo de Josué foram escolhidas as três cidades ao oeste do rio. No tempo de Esdras eram cidades conhecidas havia 900 anos, mas o escritor de Deuteronômio evidentemente não sabia os seus nomes!

Mas um modernista que saiba alguma coisa da língua hebraica julga que nossa ignorância da língua original do Antigo Testamento proíbe quaisquer críticas da nossa parte. Por isso, convém atentarmos para o parecer de uma autoridade na língua dos israelitas. Citamos o excerto do Comentário de Ellicott:

“O estilo hebraico de Deuteronômio é especial. A poesia de Davi, os Provérbios de Salomão, as visões de Isaías, as Lamentações de Jeremias e o hebraico polido de Ezequiel têm suas diversas belezas. O estilo de Deuteronômio não tem semelhança com nenhum destes escritos mencionados. Ainda menos quando é comparado com a mistura de

hebraico e caldeu de Esdras. A cultura dos profetas é inteiramente diferente daquela do Pentatêuco. A educação de Moisés no Egito levou-o a adquirir um modo especial de pensamento e de expressão. Estou satisfeito de que não há contradição entre Deuteronômio e os livros anteriores”.

## **CAPÍTULO 5**

### **PROFECIAS**

As profecias e os milagres são o principal objetivo dos ataques dos modernistas em suas críticas às Escrituras. No livro de Daniel há profecias. Jonas conta um milagre extraordinário. Por isto estão sujeitos à crítica dos inimigos da inspiração da Palavra de Deus.

#### **DANIEL**

As profecias do livro de Daniel são, primeiramente, as dos quatro reinos: o Babilônico, o Medo-Persa, o Grego e o Romanos. No capítulo 9 (versos 24 a 27) encontra-se uma das profecias sobre a data da morte do Messias. Os quatro reinos sucederam-se exatamente como profetizados por Daniel. Por isso os críticos mudaram a data da compilação do livro para um tempo tão perto quanto possível da vinda do domínio romano. A data que escolheram é o ano 167 antes de Cristo.

Mas um judeu, no segundo século antes de Cristo não teria conhecido quase nada da Babilônia como de fato era no tempo de Daniel, trezentos anos antes. Sabemos muito mais agora, graças às escavações.

O escritor do livro possuía um conhecimento muito exato dos costumes e estava familiarizado com a língua hebraica e um homem com estas qualificações vale muito mais do que os pareceres de chefes de seminários teológicos. O principal de um seminário metodista na Inglaterra, o dr. Peake, escreveu um livro criticando a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse. Era considerado muito erudito, mas, se um novato na “Scotland Yard” tivesse raciocinado como fez este doutor em Divindades, seria expulso imediatamente da polícia secreta.

O Professor Wilson, da América do Norte, era, provavelmente, a maior autoridade do mundo sobre línguas orientais. Num livro que escreveu, mostra que as centenas de nomes dos reis de quatro países, como Babilônia, Pérsia, Egito, Assíria, etc., que reinaram durante os 2.500 anos da história bíblica, são sempre transliterados corretamente para o hebreu do Antigo Testamento, mas os documentos de outros países traduzem os nomes dos mesmos reis estrangeiros erradamente.

Isto é outra prova de que os escritores e copistas do Antigo Testamento eram caprichosos e transmitiram os nomes de fontes

fidedignas. Romancistas e falsificadores teriam cometido erros que hoje os arqueólogos teriam descoberto.

## **JONAS**

Há quem pergunte: “Que diferença haveria se Jonas fosse apenas um herói de um romance ou uma pessoa fictícia?” O resultado seria a desconfiança na Palavra de Deus e nas palavras do Senhor Jesus Cristo, a Palavra Viva (Verbo).

Sabemos que Jonas foi incluído nos livros citados por nosso Senhor quando falou de “*todos os profetas*” (Lucas 24.27). Se fosse romance, o escritor do livro não seria profeta. Um romance ou parábola não depende de sua veracidade para ser proveitoso. A história, porém, deve ter duas qualidades essenciais: a veracidade e a imparcialidade.

Porventura será cabível que o Filho de Deus tenha baseado Sua profecia acerca de Sua morte e ressurreição sobre uma ficção? Ele disse: “*Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra*” (.....).

É essencial que o sinal seja verídico, isto é, que Jonas seja histórico e a experiência contada na profecia seja um fato. Como, podem os ninivitas ressurgir no juízo juntamente com os galileus descrentes, se aquele povo nunca se tivesse arrependido com a pregação de Jonas?

Se duvidamos do sinal podemos duvidar da ressurreição do Senhor Jesus. Não há possibilidade de que o Filho de Deus tenha Se enganado, julgando que um romance fosse histórico. Os modernistas são obrigados a mudar suas “ideias certas” constantemente, depois de cada novo descobrimento dos arqueólogos.

Será que há evidências de que o livro Jonas tenha sido escrito lá pelo ano 200 antes de Cristo? As provas são ao contrário. O desejo dos modernistas é de negar qualquer profecia ou milagre. Podemos imaginar a dificuldade que haveria em introduzir um romance entre os livros sagrados dos judeus?

O historiador Josefo escreveu a história dos judeus e incluiu o livro de Jonas nas Escrituras, igualmente com todos os livros que temos hoje em nosso Antigo Testamento.

Será melhor acreditar nos pareceres dos modernistas e críticos da Bíblia, que mudam constantemente, ou nas palavras do Senhor Jesus, que é o Mesmo ontem, hoje e eternamente?

Citamos as palavras do historiador dos judeus, Josefo, para mostrar que seria impossível introduzir uma profecia falsa nas Escrituras Sagradas no ano 200 antes de Cristo. Os judeus sentiam que o cânon terminara com Malaquias:

“Desde Artaxerxes até os nossos dias, escreveram-se vários livros, mas não os consideramos dignos de confiança idêntica aos livros que os precederam, porque se interrompeu a sucessão dos profetas. Esta é a prova do respeito que temos pelas nossas `Escrituras`. Ainda que um grande intervalo nos separe do tempo em que elas foram encerradas, ninguém se atreveu a juntar-lhes ou tirar-lhes uma única sílaba. Desde o dia do seu nascimento, todos os judeus são compelidos, como por instinto, a considerar as Escrituras como o próprio ensinamento de Deus, e a ser-lhes fiéis e, se tal for necessário, dar a sua vida por elas”.

## **CAPÍTULO 6**

### **ETNOLOGIA**

Até aqui nossos capítulos sobre o Modernismo têm sido críticas modernas às teorias acerca da Bíblia. Queremos agora discorrer sobre alguns descobrimentos arqueológicos que provam a veracidade das Escrituras.

Uma ciência que confirma os fatos históricos de Gênesis é chamada Etnologia. Trata da origem e progresso das raças humanas. O livro de Gênesis afirma que todas as raças são descendentes de Noé. A família humana está dividida em três ramos: SEM, CAM E JAFÉ, filhos de Noé. O capítulo 10 conta as genealogias destas três famílias.

Outrora, os críticos comentavam o capítulo como sendo “ridículo”, “imaginação fantástica”, “teorias infantis”!. Mas as pás e picaretas dos arqueólogos têm transformado estas ideias. Agora, até os modernistas admitem que há muita verdade neste capítulo.

Um modernista escreve, por exemplo: “Está conforme a verdade histórica que a Assíria foi colonizada pela Babilônia”. Os versículos 8, 9 e 10 explicam que Ninrode era rei de Babel (Babilônia), daí foi para a Assíria e edificou Nínive.

Devemos notar o versículo 27 de Gênesis 9. É uma profecia feita há cinco ou seis mil anos atrás. Diz que Canaã (CAM) seria servo de Jafé. Milhares de anos após a profecia, não se notou qualquer sinal de seu cumprimento. Depois da dispersão de Babel, a maior parte dos descendentes de JAFÉ emigrou na direção da Europa e, mais tarde, espalhou-se pelo continente. Só reapareceram nas páginas da história mil anos antes de Cristo.

Os filhos de Madai ficaram na Ásia e alguns, mais tarde, misturaram-se com outras raças.

A família de Cam, ao contrário, rapidamente se fez poderosa, manifestando grande atividade e tomando posse dos vales do Tigre, do Eufrates e do Nilo (Egito). Mais tarde, espalharam-se pelo continente africano, onde as raças camitas puras agora habitam.

Os egípcios do tempo bíblico eram da raça camita, mas, depois das invasões gregas e romanas e a conquista pelo árabes maometanos, tornaram-se uma nação mestiça.

Os camitas que ficaram na Ásia, como os heteus, cananeus e fenícios, têm-se misturado com outras raças asiáticas. A palavra “Cam” quer dizer “escuro” e “Jafé” quer dizer “louro” ou “claro”. Os descendentes de Jafé hoje são principalmente as nações da Europa (menos os turcos, que vieram da Ásia há quinhentos anos). Alguns historiadores dão-lhes o nome de arianos ou raça ariana.

Os descendentes de SEM são ainda hoje conhecidos como os semitas. Depois de Babel, emigraram na direção da Síria e Caldeia. Os israelitas representam a raça semita mais pura no mundo. São chamados “judeus” porque a maior parte são descendentes de “Judá” e têm o nome de “hebreus” também porque são descendentes de “Heber” (Gênesis 11.16).

Os árabes são também semitas porque são descendentes de Abraão, mas pela mulher escrava (Hagar) que era egípcia (camita).

Assim, hoje os semitas pertencem à Ásia, os camitas à África e os descendentes de Jafé habitam na Europa.

Há pequenos grupos da raça ariana na Índia, mas a vasta maioria das nações da Ásia é mestiça. Agora, com esta explicação, devemos examinar a profecia dos versículos 26 e 27 de Gênesis 9.

### **GÊNESIS 9.26-27**

Encontramos três cláusulas: 1) Deus ia alargar Jafé; 2) Jafé habitaria nas tendas de Sem; 3) Cam seria servo de Jafé.

Durante milhares de anos não se viu sinal ou probabilidade de cumprimento da profecia. Todavia, tem sido plenamente cumprida nos últimos 400 anos.

**1 - Alargar Jafé** – A descendência de Jafé são as nações da Europa. A raça britânica está espalhada em todo o mundo, na América do Norte, na Austrália, na Nova Zelândia, numa grande porção da África, mas ilhas do Pacífico.

A França tem um vasto território da África e porções na Ásia. Portugal tem duas grandes colônias na Ásia e possuía o Brasil.

A Espanha era dona da América espanhola e de várias grandes ilhas; embora tenha perdido o seu império, os descendentes ainda existem nas velhas colônias.

A Holanda possui colônias na Ásia e uma na América do Sul. A Alemanha e a Itália possuíam colônias da África, mas as perderam. A Bélgica tem uma grande colônia na África. A Rússia tem-se espalhado na Ásia (Sibéria).

**2 - Habitar nas tendas de Sem** – A Inglaterra e a França tomaram conta da Palestina e da Síria, países semitas.

**3 – Cam hoje é representado pelos africanos** – O governo do continente da África na sua quase totalidade está dividido entre os europeus (filhos de Jafé) e os camitas (filhos de Cam, africanos) são seus servos.

Há 400 anos começou o tráfico de escravos africanos. Foram levados aos milhares durante três séculos para servirem aos colonizadores das Américas e das Índias ocidentais como escravos.

A consciência cristã despertou e acabou com o nefando tráfico. A profecia disse (verso 25): “*Servo dos servos a seus irmãos*”. O outro irmão era Sem. Enquanto os filhos de Jafé levavam os africanos da África ocidental para as Américas, os árabes (semitas) levavam escravos da África para a Arábia.

O missionário David Livingstone condenou o tráfico iníquo. A Inglaterra enviou o General Gordon a Khartoum para suprimir a captura e venda dos africanos. Os navios ingleses vigiavam a costa da África e gradualmente o negócio parou. O norte da África, do Egito até Tanger, foi conquistado pelos árabes (maometanos) e estes, descendentes de Sem, escravizaram os africanos.

Assim, a profecia, feita cinco ou seis mil anos antes, foi cumprida há poucos séculos. Seria difícil a alguém, mesmo a um modernista, explicar esta profecia de outra maneira.

## **GÊNESIS 10**

Agora examinemos o capítulo 10 de Gênesis. Primeiro vem a genealogia de Jafér. Os seus filhos são Gomer, Magoque, Madai, Javã, Tujbal, Meseque e Tiras. Estão representados hoje nos seus descendentes, as nações d Europa.

Os cimbros, por exemplo, são descendentes de Gomer, hoje representados pelos gauleses (na Grã Bretanha) e pelos bretões (na França). Tarsis (filhos de Javan – v. 4) é representado pelos espanhóis e portugueses; Javan, pelos gregos; Magoque, pelos russos e raças eslavas da Europa.

Os filhos de Tiras são representados pelos escandinavios e, outrora, pelos godos, que invadiram o Império Romano no quinto século da nossa era. Os filhos de Madai ficaram na Ásia e eram representados pelos medos e possivelmente por algumas das raças arianas que moram na Índia.

No verso 10 lemos que Ninrode era rei poderoso e caçador. O nome ainda é comum na Mesopotâmia. Séculos depois de sua morte foi considerado como um deus e, 300 anos antes do tempo de Abraão, edificaram um templo para o culto de Ninrode em Ur dos Caldeus.

## **A TORRE DE BABEL**

A Torre de Babel é chamada hoje pelos árabes Birs-Ninrode, que significa “Torre de Ninrode”. No quinto século antes de Cristo, Heródoto (chamado o “pai da História” e contemporâneo de Neemias) visitou Birs-Ninrode. Ele descreve a torre e diz que eram oito torres, uma superposta à outra, sendo cada uma menor do que a que lhe servia de base. Eram quadradas. A mais baixa media 400 metros de largura em cada lado. A subida era um caminho de caracol. Em cima de tudo havia um templo. Este sistema de torres chama-se “zigurate”. Todas as cidades da Mesopotâmia possuíam uma miniatura deste modelo. Foi imitado também no Egito, na China e no México.

Quando Alexandre Magno passou com seu exército por Birs-Ninrode, 300 anos antes da era cristã, mandou milhares de soldados tirar a terra ao redor da torre. Há oitocentos anos um viajante achou que a torre media 220 metros de altura. Hoje, em estado de decadência, tem apenas 100 metros de altura. É construída de tijolos bem queimados e ligados com betume, como é descrito em Gênesis 11.3.

Estes fatos provam que a Bíblia é verdadeira. Se a humanidade fosse descendência de animais, como ensinam os modernistas, levando milhões de anos para se desenvolver, o período glacial, que se deu há dez mil anos, segundo os cientistas, teria obrigado o povo a fugir para habitar mais perto do Equador e escapar do frio e do gelo.

Neste caso, as raças não teriam guardado os sinais e feições distintivos, mas seriam misturadas e a cor escura predominaria.

## **CAPÍTULO 7**

### **ÉTICA DO ANTIGO TESTAMENTO**

Alguns críticos acham que há uma diferença entre a ética do Antigo e a do Novo Testamento e dizem que o Jeová do Antigo Testamento não pode ser o mesmo Deus revelado no Novo Testamento por Cristo, como Deus de amor.

Por esta razão inventaram a teoria que Jeová (ou Yava, assim eles preferem) era um deus tribal, concebido pela imaginação dos israelitas, um deus vingativo, ciumento e cruel, que ajudava somente aos israelitas e era inimigo das outras nações ao redor.

Para nós, que temos estudado o Antigo Testamento e recebido tanta bênção e proveito na sua leitura, esta teoria é nauseante e sem base. A teoria, porém, é agora a doutrina dos modernistas e está tornando-se popular. Vamos examinar a teoria.

Os leitores devem lembrar-se que a palavra “SENHOR” na versão de Almeida do Antigo Testamento é quase sempre “JEOVÁ” no original.



A Versão Brasileira não traduziu a palavra e, por isso, tem sempre "JEOVÁ".

O **Salmo 23** começa "*Jeová é o meu pastor, nada me faltará*". Devemos acreditar que Davi, o autor deste salmo tão sublime, cria num deus vingativo e cruel? E as profecias dos Salmos 2, 22, 24 e 72? Como foi que um deus da imaginação israelita inventou as profecias mil anos antes da vinda do Messias, que foram profetizadas?

Vamos pensar no **Salmo 110**. O primeiro versículo diz: "*Jeová diz ao meu Senhor: Assenta-Te à Minha direita até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo dos Teus pés*". É o versículo que Cristo propôs aos fariseus e que eles não podiam responder. Davi chamou seu descendente de "*Senhor*". Será que Cristo a Quem se referem as palavras não sabia que Jeová, que proferiu as palavras, era apenas um deus imaginário dos israelitas?

Os pensamentos e palavras do Senhor devem ser nosso padrão. É blasfêmia dizer que Ele, o Filho de Deus, o Verbo divino, se enganara com respeito às Escrituras.

A ideia dos modernistas quer dizer que Ele, vindo de Deus para ensinar os pensamentos de Seu Pai não somente ficou enganado, mas gastou Sua vida enganando os homens. Como pode Ele ser nosso Exemplo, nosso Guia, se Ele mesmo foi ignorante? Vamos examinar outras Escrituras.

**Êxodo 20.12** diz que Jeová, que deu os Dez Mandamentos, fez o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há. Que obras grandes de um deus tribal!

**Isaías 40.12** diz de Jeová (setecentos anos antes de Cristo): "Quem mas cochas de suas mãos mediu as águas e tomou as medidas dos céus a palmos? Quem recolheu na terça parte de um efa o pó da terra e pesou os montes em romana e os outeiros em balança de precisão?" A resposta a esta pergunta é: Certamente não foi obra de um deus tribal.

Israel era um servo infiel de Jeová e no capítulo 42 de Isaías Ele apresentou o Servo Fiel: "*Eis aqui o Meu Servo*". O servo naturalmente deve representar o seu amo – Jeová. Mas dizem os modernistas: Este ser era vingativo e cruel. Portanto, quando diz: "*Tenho posto sobre Ele (o Servo) um espírito*" (v. 1) seria um espírito vingativo e cruel também.

Mas vamos ler mais no mesmo capítulo (vs. 2-4). Diz Jeová do Seu Servo: "*Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir Sua voz na praça. Não esmagará a cana quebrada nem apagará a torcia que fumeja*". Sabemos que toda esta descrição foi cumprida em Cristo, o Servo Fiel de Deus.

Passemos para o **capítulo 53**, onde encontramos mais uma descrição do Servo Fiel. Neste capítulo há umas 50 profecias distintas acerca do Senhor Jesus.

O capítulo de doze versículos fala de Sua humilhação (já cumprida) e da Sua exaltação (a ser cumprida). Como podia um deus tribal, fabricado pela imaginação dos israelitas, tão desviados, profetizar, com antecedência de setecentos anos, todos estes acontecimentos extraordinários?

Como podia um deus tribal, fabricado pela imaginação dos israelitas, tão desviados, profetizar com antecedência de setecentos anos todos estes acontecimentos extraordinários?

Eis aqui o Servo Fiel sofrendo vicariamente o castigo que nós merecemos, desprezando e sofrendo a dor para ver o fruto do penoso trabalho de Sua alma. Aqui Ele revela a compaixão e o amor de Jeová, não somente para com os israelitas, mas para com todo o mundo. Como pode alguém explicar estas profecias se Jeová era um deus vingativo e cruel? Os modernistas querem explicá-las dizendo que se referem aos sofrimentos dos israelitas.

Examinemos agora o argumento dos modernistas que diz que o Deus revelado na Pessoa de Jesus não pode ser o Jeová que Josué imaginava e que o mandou exterminar as nações de Canaã. Josué é o mesmo nome que Jesus, a primeira é a forma hebraica para a nossa palavra Jesus.

Como foi que José e Maria foram mandados chamar o Menino pelo nome de um homem tão cruel? E não é somente isto, mas significa “Jeová o Salvador”. Então foi o nome do Salvador do mundo. Emanuel, baseado no nome de um deus tribal vingativo, ciumento e cruel? Será possível?

Fez bem ou fez mal a ordem de extermínio dos habitantes de Canaã? Foi mandado por nosso Deus. No primeiro dia de novembro (dia de “Todos os Santos”) de 1755, um terremoto destruiu Lisboa, capital de Portugal. Dizem que 50.000 pessoas morreram naquele dia. Se contarmos o número de pessoas mortas em desastres semelhantes, conhecidos como “atos de Deus” somarão em milhões. Quem fez toda esta destruição? Foi nosso Deus de amor. Será que o povo de Lisboa era pior do que os cidadãos de Paris no mesmo ano? Provavelmente que não. Mas sabemos que os cananeus foram poupados até “*a medida de sua iniquidade*” se encher. Para Deus, que diferença havia entre a destruição dos cananeus e sodomitas? Mas a dificuldade é do lado humano.

Hoje não somos chamados para servir a Deus desta maneira. Mas as condições no tempo de Josué eram muito diferentes. Jeová queria ensinar aos israelitas Seu ódio pela idolatria e pelas abominações praticadas pelos cananeus. Ele sabia também que, se poupasse o povo, deixariam as raízes dos grandes males que brotariam outra vez, que eles seriam como espinhos na carne dos israelitas.

E, por não obedecer a Jeová, os israelitas sofreram duramente durante os seguintes 300 anos. Também o povo caiu nos mesmos vícios e práticas do pagão.

O que o modernista chama “vingança” era o justo juízo de Deus. Os israelitas não destruíram as nações num espírito vingativo, mas porque Deus lhes mandou fazer o castigo.

Um dos costumes do pagão era o sacrifício de seus filhos a Moloque, levando as crianças para jogá-las na boca de um grande ídolo com um fogo atrás feito pelos sacerdotes pagãos. Evidentemente, os israelitas não foram brutalizados pela matança das nações, porém mais tarde se tornaram brutalizados pelos costumes dos pagãos.

A conduta de Josué e dos israelitas do povo de Gibeon, por exemplo, foi muito superior aos tratos feitos por Hitler na última guerra, ao às crueldades da Gestapo e aos campos de concentração na Alemanha e na Rússia. As leis nas nações chamadas cristãs são baseadas nas leis que Jeová deu aos israelitas. Infelizmente, não são guardadas hoje com tanto capricho como em Israel – as leis acerca do suborno, por exemplo.

É verdade que Deus é amor, mas Deus é luz, Deus é justo. Ele não sacrifica justiça por amor. A segunda mentira da serpente foi “*não morrereis*”, assim negando a justiça e castigo de Deus por causa do pecado. O Senhor Jesus falou palavras solenes sobre o juízo de Deus. Deus castigou o povo de Canã por causa de sua iniquidade. Mas o mesmo Deus entregou Seu único Filho à morte – não à morte de espada, mas à morte muito mais cruel, à morte da cruz.

Por que foi que Ele sofreu tanto? Porque Ele foi feito pecado por nós. Morreu debaixo do juízo de Deus, a fim de satisfazer a justiça divina. O Salmo 22 começa com as palavras proferidas por Jesus na cruz: “*Por que Me desamparaste?*”. O segundo versículo supre a resposta: “*Tu és santo*”. As pessoas que criticam o Deus do Antigo Testamento não conhecem o Deus do Novo Testamento.

Durante a Guerra Civil na América do Norte, há noventa anos, o Presidente Abraão Lincoln, depois de quatro anos de guerra e derramamento do sangue de um milhão de soldados, disse: “Esperamos e oramos fervorosamente para que o castigo da guerra passe depressa agora. Mas, se Deus quiser que continue, até que todo o tesouro amontado pelo trabalho do escravo durante 250 anos seja gasto, até que todas as gotas de sangue tiradas com o chicote sejam pagas por outra, pela espada, como foi dito há três mil anos, ainda temos que dizer que *os juízos do Senhor são verdadeiros e justos juntamente*” (Salmo 19.9)”

Lincoln reconheceu que Deus exigiu o sangue tirado dos escravos pelo chicote e que o dinheiro que não foi pago pelo serviço deles durante 250 anos, foi pago pelo custo da guerra. Era a justiça de Deus.

Em vez de criticar os caminhos de Deus com nossos pequeninos entendimentos é melhor dizer com Isaías e Paulo acerca de Deus-Jeová: *“Ó profundidade das riquezas tanto da sabedoria como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos e quão inescrutáveis os Seus caminhos!”*

O resultado de negar a inspiração e autoridade do Antigo Testamento é que, em vez de a Palavra ser o nosso padrão e juiz de nossa vida e conduta, será a nossa mente que julga a Bíblia e torna-se o padrão.

Um modernista escreve: “Se eu leio uma parte da Bíblia que não fala ao coração, esta parte da Bíblia não é a Palavra de Deus!” Isto quer dizer: o ladrão que lê *“não furtarás”*, se o mandamento não apela ao seu coração, então não é a Palavra de Deus! Por mais vicioso que seja o homem, ao menos as palavras da Bíblia falarão ao seu coração.

Além de tudo, temos a palavra infalível do Filho de Deus: *“Ó néscios e tardos de coração para crer TUDO o que os profeta disseram!”* Notemos que somos tolos se não aceitarmos TUDO que os profetas disseram (Lucas 24.25) e, no mesmo capítulo, temos: *“convinha que se cumprisse TUDO o que de Mim está escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos”*, isto é, todos os livros do Antigo Testamento e nossa Bíblia de hoje.

O Senhor chama os modernistas de *“néscios”*. A Bíblia é como um caderno: tira-se uma página na primeira parte e solta-se uma página atrás. Tiram-se páginas do Antigo Testamento e perdem-se páginas do Novo Testamento.

A lealdade ao Senhor Jesus exige fé no Antigo Testamento.

## **CAPÍTULO 8**

### **NOSSA GENEALOGIA**

Há poucas semanas escutamos pelo rádio o sermão pregado numa das principais igrejas de Londres por um ministro anglicano. Pareceu-nos que este padre, em vez de ler a sua Bíblia antes de subir ao púlpito, estudou um livro “científico” escrito no século passado.

Principiou contando-nos a nossa genealogia. Um protoplasma boiava no oceano. Mudou-se, por evolução, num peixe. Levou muito tempo, não há dúvida. Mas este peixe, diferente dos que hoje pescamos, não estava satisfeito em seu ambiente aquático. Os outros peixes preferem ficar na água, mas o nosso peixe antepassado era esquisito. Arranjou asas, penas e pernas e levantou voo. Mas cansou-se também

das viagens aéreas, despiu-se das asas e penas, ou troco as asas por um par de pernas, e tornou-se um animal.

O nosso antepassado, porém, era ambicioso e crente em evolução. Levou 40 milhões de anos desenvolvendo-se, geração após geração, com perseverança extraordinária, até que chegou a ser homem como nós. Durante este processo, perdemos nossa cauda, mas retivemos alguma coisa dos instintos dos nossos queridos antepassados: como resultado, de vez em quando, queremos morder uns aos outros.

O Sr. Spurgeon disse uma vez: “Se o crente assistir a um sermão de doutrina falsa, será infelicidade. Se assistir pela segunda vez, será pecado. Se continuar a assistir, será crime”.

Os senhores reverendos não entendem porque os pregadores do velho Evangelho da Bíblia têm salões cheios. Sempre pensávamos que Deus criou um homem, espírito, alma e corpo, num instante. Parecem-nos mais simples.

Mas por que é que estes “teólogos” modernos, quando sobem ao púlpito, usam os velhos farrapos dos quais os cientistas se despiram há meio século? Estes arranjaram trajes mais modernos. Será que vossas reverências não reparam que seus auditórios estão diminuindo? É coisa extraordinária que homens que pregam doutrinas que têm sido repetidas por milhares de vezes durante séculos conseguem atrair o povo.

Os cientistas já perderam a esperança de descobrir o “elo perdido” que deixara a árvore para andar no chão. Os senhores modernistas devem arranjar outra “árvore genealógica” para seus antecedentes.

Sabemos que Adão e Eva não servem para agradar a seus ouvintes. Não devem ser mencionados perante um auditório moderno, porque traz à memória a doutrina da queda do homem em vez da evolução. Noé faz a gente pensar no juízo vindouro sobre o pecado e é capaz de produzir arrepios.

Agora queremos dizer mais alguma coisa sobre a Arqueologia. Os arqueólogos que saíram com a Bíblia, a picareta e a pá voltam das suas pesquisas, pegam nas suas penas e contam-nos seus descobrimentos. Estão convencidos da verdade das histórias da Bíblia, das quais os modernistas zombam. Mas agora os arqueólogos estão passando para outro extremo. Aditem os fatos da Bíblia, até os milagres, mas querem explicar estes acontecimentos como se todos fossem fenômenos da Natureza.

É verdade que Deus emprega a Natureza para efetuar Sua vontade, mas o Criador do mundo pode também suspender provisoriamente Suas leis para cumprir Seus propósitos.

Um novo livro (Worlds in Collision) foi publicado no ano passado por um cientista erudito, o Dr. Imanuel Velikounsky. Nasceu na Rússia,

mas estudou nas Universidades de cinco países. Levou dez anos em pesquisas em toda parte do mundo para colecionar informações para o seu livro. Sua ideia não é a de provar que as histórias da Bíblia são verdade. Ele começa com esta base: as histórias bíblicas são exatas e demonstram a probabilidade dos acontecimentos mais extraordinários.

Um dos fenômenos mais controvertidos é a história de Josué, que diz que o sol parou nos céus para deixar Josué completar sua vitória sobre seus inimigos. O escritor deste livro primeiramente demonstra que este fenômeno é conhecido em todo o mundo. No México, por exemplo, neste lado do mundo, ele é conhecido. Em alguns lugares era noite e em outros, manhã, conforme a posição geográfica do país.

Assim, temos a história de uma noite prolongada em alguns países. Estas são provas que o fenômeno aconteceu. Então o escritor demonstra pela Astronomia que, um meteorito de tamanho enorme passou na órbita da Terra, modificando o magnetismo polar e, em consequência, a rotação da Terra. Segundo os dizeres do escritor, parece provável.

Mas foi um milagre de Deus porque Ele planejava tudo na hora precisa. Há outras conclusões que são menos prováveis. Deus pode operar sem qualquer fenômeno.

O crente na inspiração da Palavra de Deus aceita tudo o que ela fala, se tiver explicação natural ou não. No princípio deste século, os modernistas zombaram da antiga crença nas Escrituras como se fosse ignorância. Os cientistas de hoje estão demonstrando que os modernistas é que eram os ignorantes.

## **CAPÍTULO 9**

### **EXCERTOS**

Seguem agora excertos traduzidos de dois livros ingleses, ambos mostrando o perigo do primeiro passo: a negação da autoridade e inspiração das Santas Escrituras.

#### **UMA CITAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO AMERICANA PARA O ADIANTAMENTO DO ATEÍSMO**

(traduzido de “The Lord’s Return”, por Dr. W. Graham Scroggie)

“Embora não gostamos dos modernistas por causa da sua acomodação ilógica, devemos compreender que, para muitos, o Modernismo é apenas um passo no caminho do Ateísmo. Talvez devamos ter um pouco de paciência com estes nossos irmãos mais fracos, visto que se acham incapazes de ir diretamente da Ortodoxia ao

Ateísmo. Não sendo o Modernismo um descanso permanente para a mente racional, cremos que alguns chegarão ao Ateísmo”.

### **TRADUÇÃO DE OUTRO LIVRO**

“Quantos, por ora, vagueando no triste deserto da incredulidade, há tempos teriam recuado com horror se lhes tivesse sido pedido renunciar ao Cristianismo, cuja fé tem sido minada pela insinuação de dúvidas concernentes às Escrituras, as quais são usadas pelo inimigo dos almas, à maneira de cunha, a fim de lhes afrouxar os alicerces da crença na Palavra de Deus; porque, sendo uma vez abalada a autoridade das Escrituras, tudo o que pé do sobrenatural reapresenta-se se desmorona: os milagres, a doutrina da reconciliação, a verdade da ressurreição, tudo, com efeito, que mostra o Cristianismo como sendo a revelação de Deus, e que procede de Deus, pouco a pouco é renunciado, até que, por fim, não resta nem sequer uma tábua para servir de barco para aleva a alma através do oceano tenebroso a Eternidade”.

### **MAIS UM EXCERTO**

Um número recente de um jornal americano diz: “O Modernismo não tem mensagem, porque nega a única esperança do mundo, Cristo e a Bíblia. Tem sua raiz na Evolução e, por isso, é podere até o coralção. Ele chama de fraqueza o que Deus chama de iniquidade. Recomenda cultura no lugar da Cruz do Calvário. Quer fazer uma revisão da Bíblia e modernizar o Evangelho. O Modernismo nunca convenceu um pecador por alvrou uma alma. Nunca mudou um benedito num discípulo, nem transformou um criminoso num cristão. Nega a Bíblia e o sangue, e zomba da bendita Esperança. A iura de Deus permanece sobre o Modernismo”.

### **AINDA MAIS UM EXCERTO**

O seguinte é um excerto de um livro intitulado “Cristo nosso Exemplo”. Foi escrito no ano de 1832 por Carolina Fry, uma senhora inglesa que, antes de sua conversão, era atea. Ela critica o racionalismo daqueles dias.

“A Palavra de Deus (o Antigo Testamento) era a única arma para o nosso Senhor Jesus Cristo. O Filho, sendo UM com o Pai, participando dos Seus conselhos desde a Eternidade, sabendo todas as coisas, Sua mente e Seu querer, não teria necessidade da lei escrita, pois Sua própria sabedoria e santidade eram uma regra suficiente para Ele.

Mas convinha-Lhe em tudo tomar sobre Si a natureza humana e cumprir a justiça, não seguindo os conselhos secretos da Sua onisciência, mas segundo a regra feita para nós.

“Era parte de Sua humilhação que Ele, o Legislador do Universo, o Juiz Eterno, aprendesse a obediência, condescendendo em referir as Suas decisões e todos os atos da Sua vida a uma estreita norma: a lei escrita.

“Uma prova da falta de semelhança do homem com Cristo é o espírito de insubordinação contra a autoridade. É muito importante estudarmos o caráter de nosso Senhor sob este aspecto. O único Homem capaz de julgar por Si mesmo, além da possibilidade de erro, era o Homem Cristo Jesus, mas é certo que Ele nunca julgava por Si mesmo em qualquer caso, sem respeitar a Palavra de Deus, isto é, a palavra revelada, a letra da Sua lei.

“Não há caso em que Cristo apelasse aos propósitos secretos de Deus para explicar Sua conduta, embora conhecidos perfeitamente por Ele. De fato, Ele no Seu caráter de ensinador, era revelador da vontade de Deus para com os homens. Era o profeta das coisas vindouras, mas para explicar Suas palavras e atos, o único argumento que Ele usava era: *“Está escrito”*.

“Quando prestes a subir a Jerusalém, para a consumação da Sua Obra, Ele não disse: Para cumprir o que foi decretado nos conselhos eternos antes do mundo, mas disse simplesmente: *“Cumprir-se-á no Filho do Homem tudo o que pelos profetas foi escrito”* (Lucas 18.31).

“Na hora da tentação, que armas foram empregadas pelo Filho de Deus para Se defender contra os assaltos de Satanás? Não eram apelos à Sua própria e eterna Divindade, nem a Sua onisciência penetrou nos designios baixos do inimigo, mas Ele respondeu com a e Deus: *“Está escrito”* como Seu único guia.

“Na última entrevista com Seus discípulos, antes de voltar a Seu Pai, podia ter-lhes descoberto o estado dos defuntos, o segredo do túmulo e do Hades, mas não! *“Ele abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras”*.

“Há duas maravilhas que devemos considerar.

“Primeiramente, Ele, a Fonte de toda a sabedoria e ciência, o Legislador de toda a Lei, a Raiz de toda a autoridade, submeteu-Se à decisão da Lei escrita.

“Em segundo lugar, o homem, tão ignorante e falível, tão pervertido, julga que seja prova de grandeza intelectual subjugar a mesma Lei ao seu próprio juízo e experiência”.

## **CAPÍTULO 10**



## O NOVO TESTAMENTO

Os modernistas criticam o Novo Testamento. Alguns “explicam” os milagres do Senhor. Estas “explicações”, porém, são profanas e além da nossa compreensão. Mas há duas questões, das quais os modernistas têm “certeza”, embora o parecer da Igreja durante séculos passados tenha sido contrário.

A primeira é que o apóstolo Paulo não escreveu a carta aos ebreus; a outra é que Pedro não escreveu a segunda epístola que tem o seu nome.

Embora os ortodoxos acreditem que Hebreus tenha sido obra de Paulo, a questão não é vital, porque seu nome não é mencionado na epístola. A autoria da segunda carta de S. Pedro é uma questão de moralidade. Se fosse de outro escritor, isto seria fraude e falsificação.

Uma pessoa que falsifica as assinaturas em alguns cheques, de muito valor, seu serviço não será louvado, nem empregado nas igrejas cristãs, em vez de ser exaltado ali. Mas ao falsificador seria concedido um lugar numa cadeia.

Temos confiança em que os chefes da igreja, no século IV, resolveram o problema do cânon do Novo Testamento, não teriam incluído uma carta falsa para a edificação da Igreja.

A questão da escolha dos livros canônicos foi amplamente discutida nos Concílios de Laodiceia (ano 360 d. C.) e Hipo (ano 393 d. C.) e havia mais conhecimento dos fatos naqueles dias do que atualmente.

A epístola começa: “*Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo*”. No capítulo 2 ele diz que “*VIU*” e “*OUVIU*” o que transpirou no Monte da Transfiguração, escrevendo com animação, enquanto recordava tão vivamente a cena.

Se foi escrito no século segundo (como dizem os modernistas), o autor mentiu, não foi nem profeta e nem apóstolo inspirado. O escritor chama S. Paulo de seu “*amado irmão*”, com a familiaridade de um amigo e conservo. Também a carta nos dá uma advertência contra “*falsos profetas*”. Estas não são as palavras de um falso profeta do segundo século.

Em conclusão, recordamos as palavras do apóstolo em 2 Pedro 1.21: “*A profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo*”. Estas palavras são igualmente a verdade com respeito aos livros tanto do Novo Testamento quanto aos do Antigo Testamento.